

ESTILOS DE APRENDIZAGEM EM EAD E NEUROMITOS

CURITIBA/PR ABRIL/2017

DAYSE MENDES - CENTRO UNIVERSITÁRIO UNINTER - dayse0mendes@gmail.com

Tipo: INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA (IC)

Natureza: PLANEJAMENTO DE PESQUISA

Categoria: MÉTODOS E TECNOLOGIAS

Setor Educacional: EDUCAÇÃO SUPERIOR

RESUMO

Este artigo tem por objetivo iniciar uma discussão acerca do uso inadequado de neuromitos na criação de estratégias de ensino-aprendizagem para o EAD. Para tanto foi feito um levantamento bibliográfico acerca do significado de neuromito e do uso de neuromitos nos processos de ensino-aprendizagem em EAD. Como objeto de estudo específico, focou-se as leituras no ensino superior. As considerações finais indicam que não será possível atingir os objetivos desejados de retenção de alunos no EAD com base no uso de neuromitos.

Palavras-chave: EAD, neuromito, processos de ensino-aprendizagem.

1. Introdução

Se por um lado há um significativo aumento do número de alunos em EAD, em especial no ensino superior brasileiro, em relação ao ensino presencial, por outro lado o número de evasão destes mesmos alunos também é significativo e maior do que a evasão no ensino presencial. Desta forma, especialistas e pesquisadores em EAD tem buscado estratégias para retenção dos alunos. O problema é que muitas pesquisas realizadas neste campo tem se preocupado com o que se imagina sejam teorias da educação como, por exemplo, os estilos de aprendizagem, e nestas pseudo teorias se baseiam para criar novas estratégia. Estas pseudo teorias têm uma denominação: neuromitos.

Neuromitos são leituras equivocadas de estudos de neurociência que se transformaram em verdades para o senso comum e que têm sido utilizados, inclusive por pesquisadores, como teorias consistentes, transformando uma série de pesquisas que deveriam ser sérias em pesquisas infundadas.

Para iniciar esta discussão, se propõe neste trabalho um objetivo de pesquisa. Se discorre teoricamente sobre EAD e estilos de aprendizagem e sobre neuromitos. Comenta-se sobre a metodologia utilizada. Finalmente o trabalho traz considerações acerca da problemática levantada.

2. Objetivo

O objetivo deste trabalho é introduzir um estudo sobre a situação do uso de neuromitos como estratégias de melhoria do ensino-aprendizagem e como estratégia de retenção de alunos de EAD do ensino superior. Usados como estratégias de ensino-aprendizagem os neuromitos não trarão os objetivos que se espera alcançar com tais estratégias.

3. Referencial Teórico

Neste item se discute teoricamente sobre EAD, estilos de aprendizagem e neuromitos.

3.1. Educação à distância e estilos de aprendizagem

De um modo geral se pode conceituar educação a distância como a forma de realizar os processos de ensino-aprendizagem por meio de tecnologias que intermediam a relação entre alunos e professores que se encontram separados no espaço e/ou no tempo.

O EAD (Educação à Distância) é uma situação educacional que vem crescendo ao longo dos últimos anos, em especial no ensino superior. Isto pode ser observado com os números do Censo Educacional de 2016 realizado pelo MEC em que dos 8.033.574 matrículas, 1.108.021 se encontram no EAD. De 2014 para 2016 houve um incremento de 23,1%. Este incremento tem tendência positiva, ou seja, a cada ano que passa maior é o número de pessoas que aderem ao EAD. No entanto, segundo a ABED as taxas de evasão dos cursos a distância, em especial daqueles totalmente à distância, são maiores que as nos cursos presenciais. “O Censo EAD.BR 2015 registrou uma evasão de 26%?50%, com 40% das ocorrências nas instituições que oferecem cursos regulamentados totalmente a distância.” (ABED, 2017.)

Tendo em perspectiva estes números, tanto as instituições quanto os especialistas e pesquisadores dedicados ao EAD tem buscado soluções que possam manter o aluno estudando e finalizando seu curso, buscando estratégias de fixação do aluno, revertendo estes números de evasão. Muitos estudos têm se voltado para a questão do comportamento e da satisfação do aluno ao realizar seus estudos.

Dentre estes estudos destaca-se a busca de adequação dos estilos de aprendizagem dos alunos aos métodos de ensino-aprendizagem disponibilizados pela IES (instituição de ensino superior) no EAD. Estilo de aprendizagem seria a forma como um indivíduo aprende.

Um dos modelos mais conhecidos é o VARK - Visual, Aural, Read/Write, Kinesthetic (VARK-LEARN, 2017), desenvolvido por Flemming e Mills em 1992. Neste modelo se pressupõe que as pessoas aprendem de forma diferente de acordo com os estilos visual, auditivo e cinestésico. Assim, de acordo com estes estilos individuais de aprendizagem, se deveria propor estratégias diferentes de ensino aos alunos. Alguns pesquisadores acreditam ainda que haveria relação entre os estilos, as estratégias e a evasão, propondo estudos que validem esta relação. Veja-se por exemplo os trabalhos de Nogueira e Espejo, 2010; ou de Moraes, 2016.

3.2. Neuromitos

A partir da década de 1990 estudos sobre neurociência começam a se disseminar na mídia convencional. Uma série de situações tornaram esta popularização possível. Os Estados Unidos definiram que a década de 1990 seria dedicada à pesquisa sobre o cérebro, financiando pesquisas com valores até então inéditos. Por outro lado o uso de aparelhos de ressonância magnética possibilitou finalmente enxergar o cérebro funcionando com a pessoa viva e consciente, trazendo novas informações sobre sua funcionalidade. Ainda há livros como “O Erro de Descartes”, em que Damásio (1996) relaciona a questão das emoções a situações físicas do cérebro humano, propondo que estudos neurobiológicos estejam associados à investigação psicológica. Nesta seara também surgem outras pesquisas sobre o funcionamento do cérebro que começam a ser publicadas em várias mídias, incluindo revistas não-científicas, e se tornar best-sellers pela sua linguagem acessível de um assunto que, até então, era de domínio somente de especialistas. A partir desta época começam a se disseminar ideias que passam a ser aceitas pelas pessoas de uma forma geral como teorias comprovadas acerca do funcionamento do cérebro.

Por conta desta popularização surgem o que hoje é denominado de neuromito. Neuromitos são “equívocos comuns sobre os mecanismos cerebrais, que são tomados como garantidos na sociedade de hoje. Muitos destes mitos evoluíram em torno do funcionamento do cérebro” (Rimmele, 2017)

Um dos neuromitos mais difundidos na sociedade é o de estilos de aprendizagem. A OECD (2017) tece, em seu terceiro neuromito, a ideia de que os alunos não aprendem e entendem as coisas simplesmente vendo, ouvindo ou tocando nelas. Para demonstrar tal ideia traz o seguinte exemplo:

Imagine uma sala de aula, onde os alunos devem aprender uma fórmula em física. Agora vamos analisar o processo de aprendizagem dos diferentes tipos de aluno. O tipo visual do aluno vê as letras e os símbolos matemáticos da fórmula escritos no quadro-negro. O tipo auditivo de aprendiz ouve o professor dizer as letras e os símbolos da fórmula e o tipo háptico do learner tem o problema que uma fórmula física dificilmente pode ser agarrada, embora talvez através do Braille. Agora, esses tipos de alunos entendem a fórmula vendo, ouvindo ou tocando? Não - a entrada dos sentidos não tem significado em si. Para compreensão e aprendizado, um passo adicional, um passo além da percepção é necessário. O aluno precisa interpretar a entrada de seus sentidos e dar a essa entrada um significado. OECD, 2017

Assim, não há significado prático com a separação de alunos por meio de seus estilos de aprendizagem, no sentido de buscar métodos específicos que melhorem seu

aprendizado ou que possam ser um elemento motivador para o aluno não desistir de seus estudos.

4. Procedimentos metodológicos

Como este é um estudo preliminar acerca da situação problema observada, para este artigo, como procedimento metodológico se utilizou de levantamento bibliográfico acerca dos conceitos relevantes ao trabalho tais como EAD, estilos de aprendizagem e neuromitos. Utilizou-se também dados do Censo do Ensino Superior realizado pelo MEC e dados da ferramenta Google para verificar a relevância em termos quantitativos do relacionamento do estilo de aprendizagem com o EAD.

5. Considerações finais

A educação à distância vem ganhando destaque quanto aos estudos sobre como conduzir os processos de ensino-aprendizagem. Dentre estes estudos se pode destacar aqueles que relacionam a forma de se trabalhar à distância com os possíveis estilos de aprendizagem de cada aluno. Uma consulta rápida à ferramenta de pesquisa do Google relaciona aproximadamente 272.000 resultados (fazendo esta pesquisa somente em português). Pode-se dizer que este é um número representativo deste tipo de estudo em relação ao EAD. Desde artigos em revista não especializadas a teses de doutoramento, vemos os especialistas em EAD preocupados em oferecer um ensino que seja compatível com a forma de aprender de cada aluno. Parece uma preocupação salutar, pois levaria a métodos e estratégias mais adequados para cada aluno e, como hipótese, auxiliaria as IES a diminuir sua evasão em EAD, que é maior do que a do ensino presencial.

No entanto, pode-se verificar que estes estudos estão embasados em um neuromito. Em um trabalho sobre o assunto neuromitos Sargiani (2016) traz alguns estudos, tais como o de Philip Newton, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Swansea, que descobriu que 94% dos trabalhos de pesquisa atuais começavam com uma visão positiva de estilos de aprendizagem, como se fosse algo que realmente ajudasse na educação e comenta que esta situação é prejudicial à educação como campo de pesquisa.

Sargiani (2016) ainda traz as descobertas de Harold Pashler, professor de psicologia na

Universidade da Califórnia em San Diego, que ressalta que apesar da preponderância do conceito de estilos de aprendizagem em todos os níveis de ensino, não haveria provas rigorosas de corroboração. deste conceito, mas sim uma indústria dedicada a elaborar esses guias e testes para professores e alunos. Assim o Pashler conclui, segundo Sargiani (2016) que, neste momento, não há base factual para justificar a incorporação de avaliações de estilos de aprendizagem nas práticas educacionais em geral.

Assim, há todo um esforço em uma quantidade significativa de pesquisas que simplesmente não tem embasamento teórico. Para Howard-Jones, o pesquisador que lançou o conceito de neuromito, estes pesquisadores não estão usando de fraude ou qualquer outra situação do gênero, mas sim de interpretações desinformadas de fatos científicos genuínos, que são disseminados e assumidos em sua forma incorreta e começam a fazer parte do portfólio de conceitos que parecem adequados para explicar uma série de situações. Como a maioria deste pesquisadores não é neurocientista, simplesmente aceita o neuromito como teoria comprovada.

Cabe então uma maior disseminação da existência dos neuromitos para que se evite o seu uso em situações que são realmente relevantes para a melhoria dos estudos relativos às estratégias de EAD. É importante ainda continuar este estudo, que foi essencialmente teórico, em situações empíricas, que possam corroborar o problema aqui levantado.

Referências

ABED. **Censo EAD.BR 2015.** Disponível em http://abed.org.br/arquivos/Censo_EAD_2015_POR.pdf. Acesso em 25 de abril de 2017.

Censo da Educação Superior 2016, Disponível em <http://portal.inep.gov.br/web/guest/censo-da-educacao-superior>. Acesso em 25 de abril de 2017.

DAMÁSIO, António R. **O Erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

HOWARD-JONES, P. A. **Neuroscience and education: myths and messages.** Nat Rev Neurosci, 15(12), 817–824, 2014. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1038/nrn3817>. Acesso em 25 de abril de 2017.

MORAES, Raissa Bárbara Nunes. **Estilos de aprendizagem em ações educacionais ofertadas a distância: evidências de validade, validade convergente e análise conceitual.** Tese de doutorado. 2016. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59141/tde-06062016-140102/es.php> Acesso em 25 de abril de 2017.

RIMMELE, Ulrike. **Neuromyths.** Disponível em <http://www.oecd.org/edu/ceri/neuromyths.htm>. Acesso em 28 de abril de 2017.

SARGIANI, Renan. **Estilos de aprendizagem é um mito segundo as neurociências.** 2016. Disponível em <http://www.psicologiaexplica.com.br/estilos-de-aprendizagem-e-um-mito/> Acesso em 28 abril de 2017.

VARK-LEARN. **Como eu aprendo melhor.** Disponível em <http://vark-learn.com/questionario/> Acesso em 29 de abril de 2017.